

RUA VISCONDESSA DE CAMPINAS

Lei nº 2078 de 22-06-1959

Formada pela rua 32 da Nova Campinas

Início na avenida Moraes Sales (Rodovia Heitor Penteadó)

Término na rua Dom Francisco de Campos Barreto
Nova Campinas

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas José Nicolau Ludgero Maselli.

VISCONDESSA DE CAMPINAS

Maria Luiza de Sousa Aranha (Maria Luiza da Conceição), nasceu na Fazenda Taquaral, Estado do Paraná, por volta do ano de 1797 e faleceu em Campinas, a 06-08-1879. Era filha do Tenente-Coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo e Eufrosina Matilde da Silva Botelho. Casou-se, por procuração, no Engenho do Mato Dentro, a 16-06-1817, com o seu primo, Francisco Egidio de Sousa Aranha. Seu progenitor, grande criador de cavalos, proprietário de enormes áreas no Estado do Paraná, transferindo-se para Campinas, construiu para seu uso, enorme mansão no Largo da Catedral esquina de Francisco Glicério e na sua propriedade Engenho do Mato Dentro, que foram herdadas por Maria Luisa na morte de seu pai. Seu marido, Francisco Egidio, distinguiu-se como agricultor, havendo sido um dos primeiros plantadores de café em Campinas, ampliando em muito a produção da propriedade herdada pela esposa. Faleceu em 1860, aos 82 anos de idade. Como as antigas e resolutas mulheres paulistas, enviuvando, Maria Luisa assumiu a direção dos negócios que prosperaram ainda mais. Notabilizou-se pela direção da casa e educação dos filhos, e seu espírito caritativo fê-la, reservadamente, distribuir o bem aos pobres e colaborar na fundação da Santa Casa. Em sua residência no Largo da Catedral hospedou ao Conde D'Eu e toda sua comitiva quando visitaram Campinas. Foi agraciada em 1875 com o título de Segunda Baronesa de Campinas e em 1879 com o de Viscondessa de Campinas e as justificativas que acompanharam os respectivos decretos, declaram que era elevada a esses títulos "em atenção aos relevantes serviços prestados à instrução pública e à humanidade e em relação à guerra do Paraguai". Concorreu generosamente para a construção da Escola "Correa de Melo" e em seu testamento, recomendou fossem libertados 17 escravos de sua predileção, legando elevadas somas à pobreza e instituições assistenciais de Campinas. Teve 11 filhos, todos ilustres, constituindo-se ancestral de altos valores paulistas.



LEI N.º 2.078, DE 22 JUNHO DE 1959.
DA O NOME DE VISCONDESSA DE CAMPINAS A UMA RUA
DA CIDADE.

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO
MUNICIPIO DE CAMPINAS, POMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Viscondessa de Campinas a
Rua 32 do arruamento Nova Campinas e que tem início na estrada
de Sosas e término em a Rua 31.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua pu-
blicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 22 de junho de 1959.

JOSE NICOLAU LUDGERO MASELLI
PREFEITO MUNICIPAL

ENG.º JOSE BENEDITO DE MELLO — Secret. de Obras e
Serv. Públicos.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Mu-
nicipal, em 22 de junho de 1959.

ALVARO FERREIRA DA COSTA — DIRETOR

RUA VISCONDESSA DE CAMPINAS

(Inicia na Avenida Moraes Sales e termina na Rua Dom Francisco da Campos Barreto)



MARIA L. DE SOUSA ARANHA — rua
(Maria Luiza de Sousa Aranha)

Começa na rua Moraes Sales e termina na Navarro de Andrade, na Nova Campinas.
Na Câmara para ser denominada.

Dados Biográficos: Segundo a "Monografia Histórica de Campinas", num trabalho de Teodoro de Sousa Campos Júnior, Maria Luiza de Sousa Aranha (Maria Luiza da Conceição) nasceu em 1.795, e faleceu em Campinas aos 6 de agosto de 1879. Era filha do Tenente-Coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo e de dona Eufrosina Matilde da Silva Botelho.

Casou-se, por procuração, aos 16 de junho de 1817, no sítio Mato Dentro, com Francisco Egídio de Sousa Aranha, residente em Santos.

Em atenção aos serviços que ela e o seu esposo prestaram à comunidade, por Decreto Imperial de 9 de janeiro de 1875 foi agraciada com o título de Segunda Baronesa de Campinas.

Sobre o fato, escreveu a "Gazeta de Campinas":

"... Se estas distinções mundanas têm alguma significação nos dias que correm, é de certo quando recaem em pessoas que, por uma não interrompida série de atos de virtude, se têm recomendado à veneração do povo. A Exma. Baronesa de Campinas, já por si, já pela memória de seu sempre chorado marido — pai dos pobres — como, sem hipérbole, era considerado por todos que sofriam, honra a graça que lhe trocou o nome, mas nada acrescentou ao muito respeito que mereceu sempre entre seus conterrâneos".

Em 23 de outubro de 1874, hospedou S. A. o Príncipe Gastão de Orleans, Conde D'Eu, e toda a sua comitiva, quando de visita a Campinas.

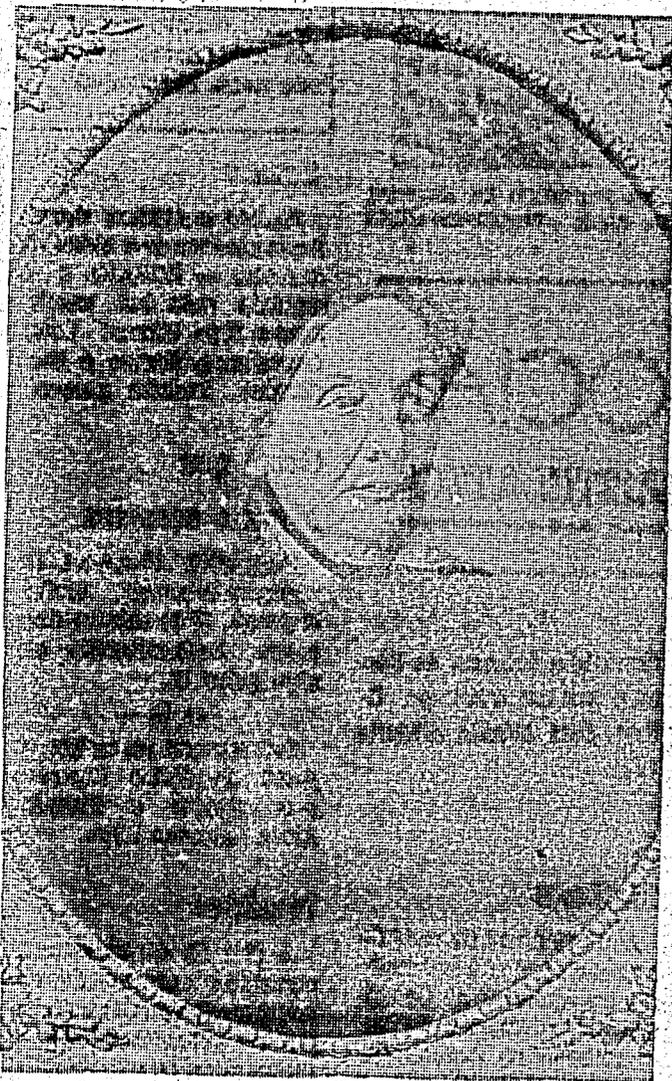
Concorreu generosamente para as obras de construção da Escola Corrêa de Melo, de ensino gratuito.

Por Decreto Imperial de 19 de julho de 1879, foi elevada a Viscondessa de Campinas.

Recomendou, em seu testamento, que fosse dada carta de liberdade a 17 escravos de sua predileção, legando ainda elevada soma para ser distribuída à pobreza e às instituições assistenciais de Campinas, sendo que, sua fortuna foi estimada em mais de um milhão de cruzeiros.



Centenário da morte da Viscondessa de Campinas



Retrato a óleo da Viscondessa de Campinas, que se encontra na residência do sr. Celso Maria de Melo Pupo

A propósito do centenário da morte da Viscondessa de Campinas, que transcorreu ontem, escreve-nos o historiador Celso Maria de Melo Pupo:

Transcorreu ontem, dia 6, o centenário do falecimento da Viscondessa de Campinas, Dona Maria Luzia de Sousa Aranha. Nasceu esta ilustre titular, pelos anos de 1797, na fazenda Taquaral, hoje Estado do Paraná, filha do proprietário da fazenda, Joaquim Aranha Barreto de Camargo.

Joaquim Aranha, grande criador de animais cavallares, dedicou-se a estas atividades até se transferir para Campinas onde fundou o Engenho do Mato Dentro, vasta propriedade depois fracionada para descendentes. Teve atuação distinta na vida pública de Campinas, de cuja Câmara foi presidente, marcando, ainda, sua atuação com outras atividades públicas, e com as construções re-

sidenciais para seu uso, na então villa, no hoje Largo da Catedral, a grande residência na esquina da rua Francisco Glicério; e no seu Engenho do Mato Dentro, a casa sede ainda existente, propriedade do Governo do Estado. Deixou Campinas pelos anos de 1820, sendo, em 1822, nomeado pelo Príncipe Regente, comandante militar da praça de Santos.

Coube à Viscondessa de Campinas, herdar as propriedades paternas nesta cidade, Dona Maria Luzia, casou-se solenemente no engenho paterno do Mato Dentro, em 1817, tendo por testemunhas o Capitão-mor de Campinas João Francisco de Andrade, e o Major Teodoro Ferraz Leite, senhor de engenho, casado com prima da noiva, Dona Maria Luísa Teixeira, senhora de grande beleza.

O noivo, primo da noiva e antigo auxiliar da administração na grande fazenda do Paraná, era Francisco Egidio de Sousa Aranha, dezoito anos mais velho que a noiva; distinto agricultor no engenho da herança da esposa, foi dos primeiros plantadores de café em Campinas, mas viveu retraído, empolgado na atividade agrícola, só uma vez ocupando cargo público; faleceu em 1860, com oitenta e dois anos de idade.

Dona Maria Luzia, como as velhas e resolutas senhoras paulistas, assumiu, na viuvez, a direção dos negócios que continuaram em grande prosperidade, e da família constituída por onze filhos. Notabilizou-se, além da direção de sua casa e direção sábia de seus filhos, no seu espírito caritativo, distribuindo, eservadamente, abundantes esmolas, colaborando na fundação da Santa Casa e nos interesses de sua pátria, como diz o decreto que a elevou ao título nobiliárquico.

Pelos decretos imperiais de 1875 e 1879, foi agraciada com os títulos de Baronesa e Viscondessa de Campinas, em cuja justificação se declarou que era elevada a estes títulos "em atenção aos relevantes serviços prestados à instrução pública e à humanidade e em relação à guerra do Paraguai". Em sua casa do Largo da Catedral, hospedou o Príncipe Conde d'Eu, casa onde também foram hospedados pelo seu filho Marquês de Três Rios, a Princesa Isabel, seu marido e filhos, em 1884, e os imperadores Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina, em 1886.

Deixando vasta e ilustre descendência, constituiu-se ancestral de altos valores paulistas, como o seu já referido filho, o Marquês de Três Rios, vice-presidente da Província ocupando várias vezes a presidência; a Baronesa de Itapura, senhora também de grande generosidade; Carlos Egidio de Sousa Aranha, moço fidalgo da Casa Imperial; Joaquim Carlos Egidio de Sousa Aranha, cavaleiro de Malta; Olavo Egidio de Sousa Aranha, senador e secretário de Estado; Osvaldo Aranha, ministro de Estado; Ciro de Freitas Vale, diplomata; Carlos Norberto de Sousa Aranha, deputado; Antônio Carlos do Amaral Lapa, grande benfeitor da Santa Casa e promotor da fundação do bispado de Campinas; Luís Aranha, deputado; Paulo de Almeida Nogueira, deputado; Alfredo Egidio de Sousa Aranha, deputado; Paulo Nogueira Filho, deputado e acadêmico; Marcelo e Tarcísio Dami de Sousa Santos, cientistas; Abelardo e Francisco Pompeu do Amaral, cientistas; Paulo Nogueira Neto, professor e cientista; José Bonifácio Coutinho Nogueira, secretário de Estado; Olavo Egidio Setebal, banqueiro e prefeito de São Paulo; Lafaiete Alvaro de Sousa Camargo, prefeito de Campinas; e mais outros numerosos descendentes em Campinas, São Paulo e outras cidades do País.

MARIA LUIZA DE SOUZA ARANHA
VISCONDESSA DE CAMPINAS



Receber bem é sem dúvida um dos maiores predicados predicados da mulher campineira. Aliás, já nos idos de 1800, se tem conta que uma grande dama campineira, dona Maria Luiza de Souza Aranha, Viscondessa de Campinas, recebia as visitas como ninguém.

Segundo os recortes que tenho em mãos d. Maria Luiza costumava oferecer em seu luxuoso solar, festas maravilhosas, onde podiam ser vistas as mais altas personalidades da época. A maneira delicada e a simplicidade desta senhora transformavam as reuniões na grande propriedade agrícola - fazenda Mato Dentro - em felizes acontecimentos. Mãe de onze filhos ela teve entre seus genros os ilustres barões de Itapuru e Anhumas.

(Extraído de "Presença Feminina" do suplemento do "Diário do Povo", de Campinas)

CAMPINEIROS ILUSTRESMARIA LUIZA DE SOUZA ARANHA - (Viscondessa de Campinas)

.....

Virtuosa e nobre dama campineira, filha do Ten. Cel. Joaquim Aranha Barreto de Camargo. Casou-se com o seu primo, Francisco Egidio de Souza Aranha. Foi baronesa (1875) e Viscondessa de Campinas e faleceu em 1879, deixando 11 filhos: Joaquim Egidio (Marques de Tres Rios); José Egidio; Francisco Egidio - Pedro Egidio, Antonio Egidio e Martim Egidio; d. Maria Brandina, casada com o ajud. Alvaro Xavier de Camargo e Silva, d. Libania Aranha, casada com o Barão de Itapura, d. Petronilha Egidio, casada com o sr. Francisco Inacio do Amaral Lapa, d. Ana Teresa, primeira esposa do com. Manoel Carlos Aranha (Barão de Anhumas) e d. Gertrudes Pompeu, casada com o sr. Francisco Pompêo de Camargo. Recebeu como herança, juntamente com o seu marido, a grande fazenda agricola do municipio, a qual, devidida, formou varias propriedades agricolas, todas excelentes, como a Matro Dentro, Lapa, Mato Dentro de Cima, Barreiros e outras..

No seu solar, grande e luoxo^o realizaram-se as mais famosas festas da epoca, recebendo tambem altas personalidades.

Cam

Cassiano Ricardo

Sou um curvo chorão. Meu fado é, noite e dia,
chorar à margem desta água clara e sonora.
Caem-me os ramos, como em lágrimas... Dir-se-ia
que o próprio rio foi, por mim, chorado agora.

Vós que vos descuidais só em viver de alegria
chorai e entenderéis uma árvore que chora!
Pois não é apenas meu o mal que me angustia,
mas o que, no chão duro, absorveis de hora em hora.

Chorai, e entenderéis a razão desta mágoa.
E eu vos hei de sentir, na dor de cada ramo
que escorre do meu rosto e cai ao rosto d'água.

E seremos irmãos no pranto, que verterdes.
Pois choro o vosso choro, e os galhos que derramo
são — choradas por mim — vossas lágrimas, verdes.

("A Fruta de Pã")

Bibliografia: vide pág. 88.

*

MEU LINDO GALHO DE SALGUEIRO

Guilherme de Almeida

És magra, estranha e delicada;
flexível como um galho de salgueiro,
que, um dia, mergulhou na água estagnada
do meu olhar hospitaleiro.

E, desde então, nessa atitude,
vives eternamente perturbando
a superfície espiritual do açude,
que já não dorme — e vai sonhando...

Mas todo sonho é como bolha
dourada de sabão... O outono, um dia,
virá tirar-te a derradeira folha
com sua mão cinzenta e fria.

E, entre juncais e árvores tortas,
à flor do velho lago hospitaleiro,
hão de boiar as tuas folhas mortas,
meu lindo galho de salgueiro!

("Toda a Poesia")

Bibliografia: vide pág. 218.

*

O SALGUEIRO

(Lenda)

Gustavo Teixeira

Não logrando acalmar o ódio dos insensatos,
Que uivavam em redor do cândido Cordeiro,
Ordenou ao Lictor, então Pôncio Pilatos,
Que o mandasse açoitar, despido o corpo inteiro.

E atado a uma coluna o Mestre, entre os maus tratos
E as vociferações do bando carniceiro,
Sem que batesse um só dos corações ingratos,
Fez-se a flagelação com ramos de salgueiro...

Desde então ficou sendo essa árvore a mais triste
E a mais digna de dó que neste mundo existe,
Curvada como Cristo a arfar com o Lenho às costas.

Sempre e sempre a chorar o seu viver mesquinho,
Nunca mais o infeliz pôde embalar um ninho
Nem contemplar o céu, rezando, de mãos postas!

("Poesias Completas de Gustavo Teixeira")

GUSTAVO de Paula TEIXEIRA — Nascido a 4-3-1881, em São Pedro (SP), onde faleceu a 22-9-1937. Poeta e jornalista. Agremiação a que pertenceu: Academia Paulista de Letras. Bibliografia: «Poesias Líricas», «Ementário», «Lira Azul», «O Sonho de Marina», «Saudade», «Êxtase», «Harpa Eólia», «Sonetos Antigos», «Poemas de Forma Fixa», «Folhas Mortas», «Poemas Antigos», «Colar de Rimas», «Versos Antigos e Outros Inacabados», «Traduções e Epigramas» e «Evangelho do Sonho», contidos em «Poesias Completas de Gustavo Teixeira»; e «Último Evangelho» (póstumo).